

## CONHECIMENTO EM DEBATE\*

Rosa Maria Godoy Silveira†

Quando, há alguns anos atrás, um grupo de professores deste Centro, oriundos de diversos Departamentos, encampou a idéia de um Evento que se tornaria o *Conhecimento em Debate* – hoje, em sua 4ª versão –; e a Direção do CCHLA, à época, prontamente a aprovou, buscava-se a essência da tradição humanística.

Buscava-se, então, criar um espaço de suspensão das atividades acadêmicas cotidianas, massacradas sempre por um sistema burocratizante, e, detendo o tempo da rotina, rompê-la, ultrapassá-la, recriando o tempo verdadeiramente universitário, em que apontar a produção do conhecimento, nas manifestações artístico-culturais e na reflexão crítica.

Buscava-se, também, fazer interagirem as nossas diferenças profissionais, nos falando uns aos outros, saindo das gavetas departamentais para o livre fluxo do conhecimento que, por definição, irrompe fronteiras.

Buscava-se, finalmente, dar visibilidade ao trabalho do Centro diante da sociedade mais abrangente, para a qual socializar a nossa produção cultural, artística, científica, filosófica, num ato explícito de comprometimento da Universidade Pública com o seu espaço e o seu tempo de inserção.

Essa, a intencionalidade fundante do *Conhecimento em Debate*.

Naquelas origens, não tão remotas, no entanto, não era tão claro, como agora, o processo do trânsito paradigmático. Poucos anos se passaram, mas as mudanças dos anos 90, em todas as dimensões (econômicas, políticas, sociais, culturais) como que aceleraram a História e permitem vislumbrarmos, por sobre o aparente sentido unívoco da globalização, as suas contradições e a necessidade, mais do que nunca, de construirmos uma nova cultura humanística.

Pois que a temos perdido ao longo da História.

---

\* Texto apresentado na Mesa-Redonda "Conhecimento em Debate", que abriu o IV Encontro do mesmo nome, promovido pelo Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1º de março de 1999.

† Professora do Departamento de História da Universidade Federal da Paraíba.

Supusemos tê-la encontrado quando substituímos o mundo alegórico medieval e recriamos Deus, à nossa imagem e semelhança, por meio da Razão. Supusemos tê-la encontrado quando sistematizamos a ciência e a erigimos como um novo tótem, uma Vaca Sagrada, um bezerro de ouro. Supusemos tê-la encontrado quando dogmatizamos as totalidades em totalitarismos explicativos. Em todas essas suposições, “matamos o homem”, como apontou Sartre e, depois, Foucault.

Mas também supusemos tê-la encontrado na atitude reversa da exacerbação do indivíduo, que, contudo, não contradiz o monismo da razão formalizada. Da nômada atomística setecentista ao mimetismo coletivo da indústria cultural dos finais novecentistas, a individualidade emergente da modernidade torna-se submergente na padronização do deus *ex-machina* chamado mercado.

Como escreveu HORKHEIMER,<sup>556</sup> a razão subjetiva foi subjugada pela constatação de sua impotência em relação à própria finalidade de auto-preservação”, que “só pode ser realizada numa ordem supra-individual, isto é, através da solidariedade social”. E, contudo, tampouco a objetivação da Razão tem possibilitado esta auto-preservação, na medida em que sua instrumentalização – através da ciência, da tecnologia, da tecnocracia – a serviço de uma sociedade orientada por valores pragmático-positivistas, submeteu a natureza e nos livrou do medo diante dela, mas não nos emancipou do medo de nós mesmos e dos monstros que geramos, especialmente, um mundo iníquo, violento, com alto potencial destrutivo.

Se, de um lado, estamos atravessando um processo de crítica a essa razão instrumental, não menos intensamente estamos recriando demônios, ressuscitando “forças do mal” e reelaborando concepções fatalistas sobre o destino da espécie humana.

Então: como não reiterar o medo? Como não submeter-se ao peso esmagador das estruturas sociais e à nossa dissolução enquanto indivíduos? Como recusar pretensas “saídas” neo-metafísicas ou neo-darwinistas? Como não acomodar-se ao conformismo cultural ou não permitir a dissolução das diferenças culturais por uma cultura hegemônica padronizante e uniformizante?

---

<sup>556</sup>HORKHEIMER, Max. *Eclipse da Razão*. Trad. Sebastião Uchoa Leite. Rio de Janeiro: Labor, 1976, p. 187. (Coleção de bolso Labor, 10).

O mesmo autor aponta:

*"(...) A labuta, a invenção e a pesquisa humanas são uma reação ao desafio da necessidade. Esses padrões se tornam absurdos apenas quando as pessoas transformam o trabalho, a pesquisa, a invenção em ídolos. Tal ideologia tende a tomar o lugar dos fundamentos humanísticos da própria civilização que busca glorificar. Enquanto os conceitos de realização completa e a satisfação ilimitada alimentavam esperanças que desprendiam as forças do progresso, a idolatria do progresso conduz ao seu oposto. O trabalho árduo com um fim significativo pode ser fruído e até mesmo amado. Uma filosofia que faz do trabalho um fim em si mesmo conduz posteriormente ao ressentimento em relação a todo trabalho"*<sup>557</sup>.

"A denúncia daquilo que atualmente se chama de razão é o maior serviço que a razão pode prestar."<sup>558</sup>

Portanto, mediante a crítica, a auto-crítica da Razão, saída das entranhas do próprio processo de sua formalização, recuperando as distinções e relações contraditórias entre natureza e espírito, pasteurizadas pelos reducionismos monistas das concepções idealistas ou naturalistas.

Empreendimento esse que se faz na História e a partir da História.

A partir da História, não como *locus* das "formas mortas do estado anterior do espírito", mas *locus* onde buscar elementos de compreensão sobre a experiência de luta da sociedade humana por sua emancipação, inseparável da busca de emancipação da Razão. Esse "sentido do passado", interagindo pelas inquietações e incertezas do presente, possibilitará, pela Memória recriada, construir referenciais para a construção de uma Outra Razão, emancipatória.

*"O indivíduo totalmente desenvolvido é a consumação de uma sociedade totalmente*

---

<sup>557</sup> Id. Ibid, p. 164.

<sup>558</sup> Id. Ibid, p. 198.

*desenvolvida. A emancipação do indivíduo não é uma emancipação da sociedade, mas o resultado da liberação da sociedade da atomização*<sup>559</sup>.

Portanto, é na História, também, a des-formalização da Razão, no presente e para o futuro, uma História ainda não escrita, que poderá ou não acontecer dessa maneira, pois que, disse Hobsbawm, a ciência histórica não é uma escatologia secular.<sup>560</sup>

No entanto, em concordância com o brilhante e jovem de espírito historiador inglês, os historiadores podem apontar tendências de transformações no tempo prospectivo. Assim é que, no tocante ao campo mais específico da produção do conhecimento, podemos vislumbrar, no trânsito paradigmático, tendências de uma possível ruptura com a razão instrumental e de elaboração de uma Outra Razão: a crítica à própria razão instrumental e à linearidade anti-dialética e atemporal da idéia de progresso; a crítica ao totalitarismo das estruturas e à dicotomização entre sociedade e natureza; a ressignificação do sujeito e a recuperação de sua multidimensionalidade em sua concretude no espaço e no tempo; a incorporação das várias linguagens com que se expressa a criatividade humana; a respeitabilidade aos vários saberes, relativizando a hegemonia avassaladora da ciência; o reequacionamento da divisão do trabalho intelectual, mediante a superação de suas fronteiras pela interdisciplinaridade. E, sobretudo, a retomada da Ética como componente do conhecimento.

O alargamento desses sulcos no paradigma vigente poderá fazer romper o leito de um rio que se vende como de águas imutáveis. Poderá constituir um novo curso para uma visão humanista.

No fluxo da História, no embate contra esses estruturalismos e individualismos que, ambos, assujeitam, aos historiadores é instado um novo combate. Agentes, nós próprios, da História, imersos nas águas novas, somos profissionais a quem compete esquadriñar a História instituinte. Na dúvida para onde se caminhar, mas na certeza de que há caminhos, como nos diz o poeta:

*“Vou, na beira do rio,*

<sup>559</sup> Id. *Ibid.*, p. 146.

<sup>560</sup> HOBSEAWM, Eric. *Sobre História: ensaios*. Trad. Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 42.

*Que está aqui ou ali,  
É do seu curso me fio,  
Porque se o vi ou não vi,  
Ele passa e eu confio.*  
(Fernando Pessoa, *Cancioneiro*).

Com a diferença, apenas, de que temos que vê-lo, ao fluxo do

rio.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- HOBBSAWM, Eric. **Sobre História: ensaios**. Trad. Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- HORKHEIMER, Max. **Eclipse da Razão**. Trad. Sebastião Uchoa Leite. Rio de Janeiro: Labor, 1976. (Coleção de bolso Labor, 10).
- PESSOA, Fernando. **Obra Poética**. 3 ed. Org. introd. e notas Maria Aliete Galhoz. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. (Biblioteca luso-brasileira. Série portuguesa).